

O EVANGELICALISMO INTOLERANTE E RACISTA E OS POVOS DE TERREIRO NO BRASIL

Ozaias da Silva Rodrigues¹

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v7i2.45113>

Resumo: Neste trabalho reflito sobre as tensões/conflitos entre evangélicos e as Religiões de Matrizes Africanas (RMAs) no Brasil, com destaque para o Candomblé. Alio meu pertencimento religioso, enquanto evangélico, a uma bibliografia acadêmica sobre essas tensões, para analisar algumas dimensões desses conflitos. Proponho assim uma interpretação êmica acerca do lado intolerante/racista religioso desses conflitos, tentando interpretar esse racismo religioso dentro da lógica fundamentalista evangélica. As categorias intolerância e racismo religioso serão usadas ao longo do artigo, mas dou prioridade à segunda categoria, além de dialogar com a Teologia de cristãos progressistas para analisar o racismo religioso evangélico. Dessa forma, trago reflexões antropológicas para pensarmos esse segmento religioso que nunca foi tão hegemônico no Brasil como na atualidade.

Palavras-chave: Racismo religioso. Evangélicos. Povos de terreiro. Magia.

Resumen: En este trabajo reflexiono sobre las tensiones/conflictos entre los evangélicos y las religiones de matriz africana en Brasil, con énfasis en el Candomblé. Combino mi filiación religiosa, como evangélico, con una bibliografía académica sobre estas tensiones, para analizar algunas dimensiones de estos conflictos. Por lo tanto, propongo una interpretación emic del lado racista intolerante/racista de estos conflictos, tratando de interpretar este racismo religioso dentro de la lógica fundamentalista evangélica. Las categorías intolerancia y racismo religioso serán utilizadas a lo largo del artículo, pero doy prioridad a la segunda categoría, además de dialogar con la Teología de los cristianos progresistas para analizar el racismo religioso evangélico. De esta manera, traigo reflexiones antropológicas para pensar sobre este segmento religioso que nunca fue tan hegemónico en Brasil como lo es hoy.

Palabras-clave: Racismo religioso. Evangélicos. Gente del terrero. Magia.

Introdução

Neste artigo discuto as tensões entre evangélicos e Religiões de Matrizes Africanas no Brasil, com destaque para o Candomblé². Alio meu pertencimento religioso,

¹ E-mail: ozaiasufc@gmail.com

² “Como “candomblé” estamos compreendendo aqui as diferentes formas de manifestações de religiões afro-brasileiras cujas origens são o encontro de variados cultos tradicionais africanos com outras manifestações religiosas de tradições europeias e ameríndias. Nesse sentido, ao nos referirmos a “candomblé”, deve-se entender que estamos nos referindo, de maneira genérica, às diferentes “nações” de candomblé (ketu, angola, jeje etc.)” (ARAÚJO, 2018, p. 25). Coloco essa informação para indicar que por mais que falemos em Religiões de Matrizes Africanas - RMAs - essas religiões também possuem componentes indígenas, por isso em alguns momentos usarei o termo ‘afro-indígena’ nesse sentido.

enquanto evangélico, a uma bibliografia acadêmica sobre essas tensões, para analisar algumas dimensões desses conflitos. Proponho uma interpretação êmica acerca do lado intolerante/racista religioso desses conflitos, tentando interpretar esse racismo religioso por dentro. As categorias intolerância e racismo religioso³ serão usadas ao longo do artigo, mas dou prioridade à segunda categoria. Dessa forma, trago reflexões antropológicas para pensarmos esse segmento religioso que nunca foi tão hegemônico no Brasil como na atualidade.

Inicialmente, começo narrando uma publicação a que tive acesso, em dezembro de 2018, na rede social do Facebook. No dia 29/12/2018 partiu para o Orum⁴ a querida e estimada mãe Stella de Oxóssi. Ao mesmo tempo em que eu lamentei a perda, agradei aos céus por ser contemporâneo de uma pessoa como ela. Já no dia 30, ao entrar na minha conta do Facebook, vi um *post* que me entristeceu, ao mesmo tempo em que me trouxe indignação. Um colega havia feito uma publicação com a notícia da morte de mãe Stella - e havia me marcado na publicação. Logo ao lado, ainda na mesma publicação, era possível ver *prints* de comentários de usuários do Facebook, em relação àquela notícia. Os comentários expõem o que as pessoas sentiram em relação ao ocorrido e o que elas pensam sobre pessoas que são do Candomblé, mesmo não conhecendo essas pessoas⁵. Os comentários podem ser classificados, ainda que provisoriamente, em:

- Etarismo, ou preconceito etário;
- Identificação com o Satanás, como uma fiel dele ou o próprio;
- Ideia deturpada da sacralização de animais/abate religioso;
- Declarações de cunho monoteísta, universalista;
- Deboche às entidades e orixás;
- Julgamento e condenação ao inferno;
- Acusações de bruxaria, feitiçaria (feiticeira) e macumba (macumbeira), aparecem como sinônimos;
- Desrespeito à morte, ao luto;

³ O conceito de racismo religioso proposto pelo autor se refere aos ataques às RMAs, sejam eles físicos, como agressão a adeptos e depredação de terreiros ou simbólicos, como a demonização dos orixás (RODRIGUES, 2020b). O racismo religioso visa destruir a cultura negra manifestada através da afrorreligiosidade, é o ódio a uma dada religiosidade como expressão de um arcabouço civilizacional afro.

⁴ Orum é o mundo espiritual no Candomblé, o mundo dos orixás, o céu de Olodumare.

⁵ Um caso que lembra esse tipo de linchamento virtual, foi o do ator Bruno Gagliasso. Ver em: https://www.resilienciamag.com/bruno-gagliasso-posta-foto-com-pai-de-santo-e-internautas-demonstram-intolerancia-religiosa/?fbclid=IwAR3hvwaePT7qeMYSOKTmQNHsxRrFK2pO10_RyPQiWjNspIcwHFW_Z6wiiAU. Acesso em: 23/12/2021.

- LGBTfobia e violência de gênero;
- O céu e o inferno aparecem sempre nos comentários.

Para que o(a) leitor(a) possa visualizar os comentários, seguem as imagens, registradas por *print* de tela e com os nomes dos perfis que comentaram ocultados:

FIGURA 1: *print* de comentários em publicação do Facebook. Acesso em: 30/12/2018.

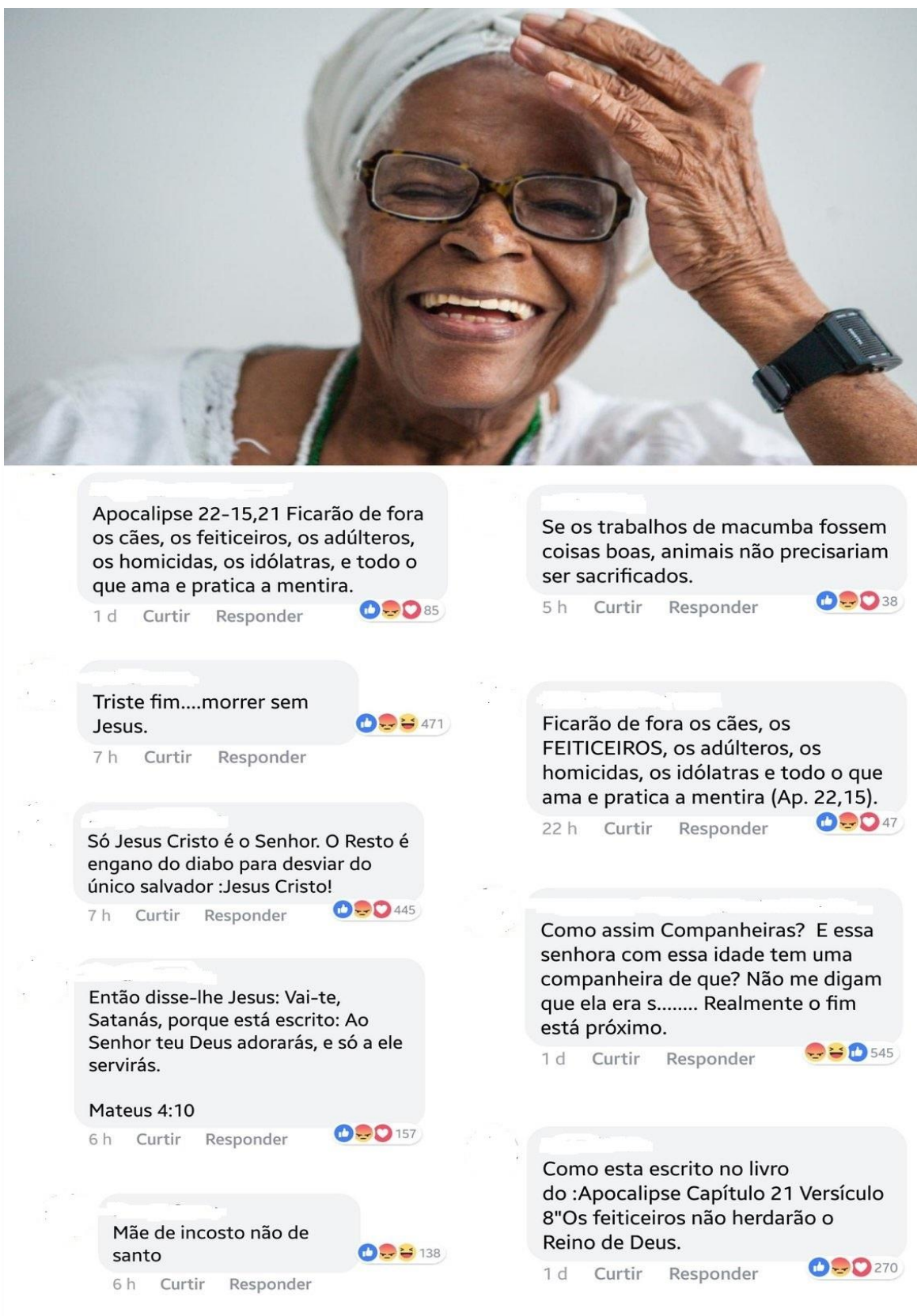


FIGURA 2: *print* de comentários em publicação do Facebook. Acesso em 30/12/2018.

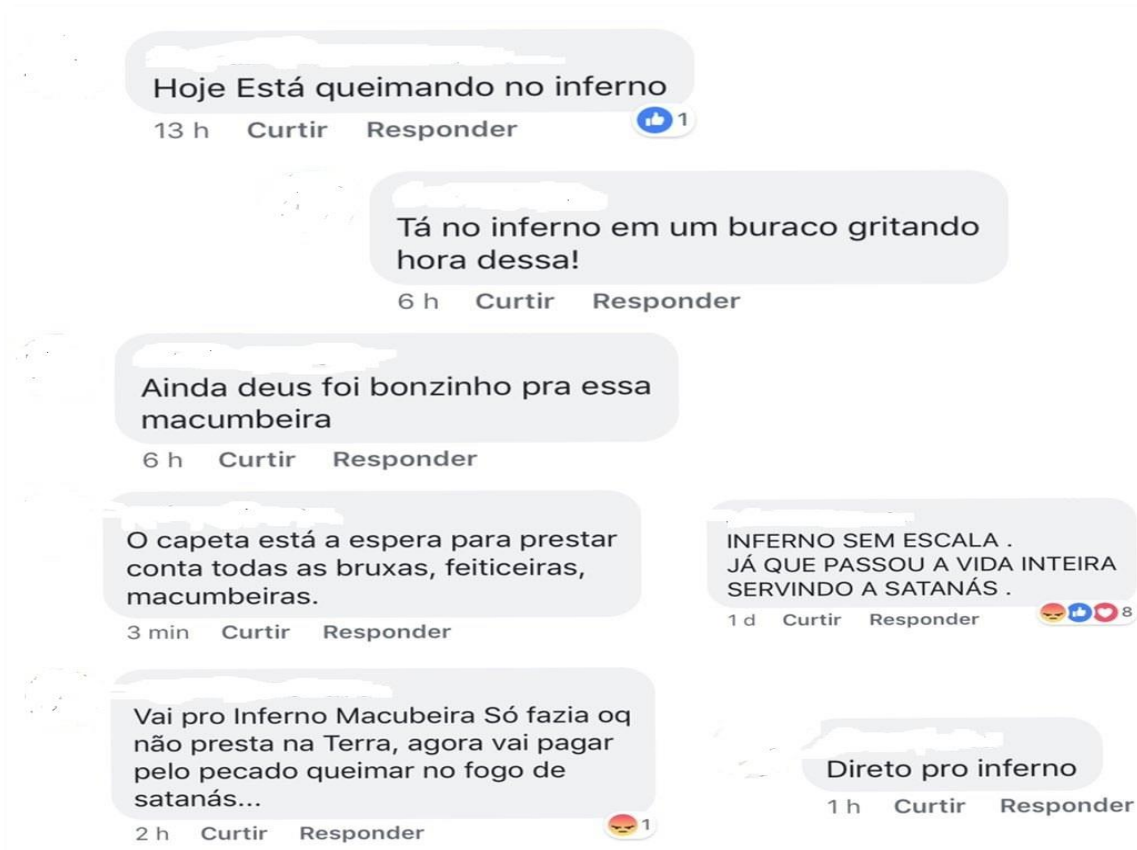
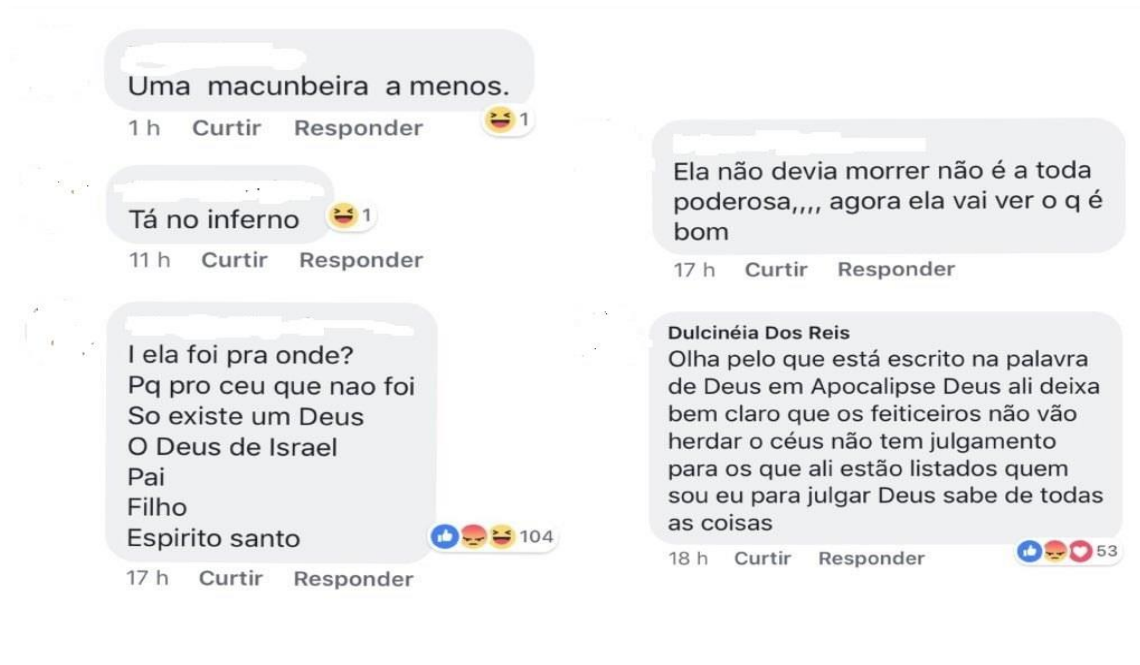


FIGURA 3: *print* de comentários em publicação do Facebook. Acesso em 30/12/2018.



Fonte: Facebook, 2018.

Pergunto: é possível, minimamente, ser conivente com tamanha desumanidade, desrespeito e ódio assim manifestados contra alguém que essas pessoas supostamente não conheciam?

Diversas questões podem ser apontadas a partir dos comentários, como a prática do julgamento e da condenação ao inferno, algo que beira o prazer. Os comentários registrados são bem maldosos, sádicos e característicos de um evangelicalismo intolerante e racista. Não à toa versículos bíblicos aparecem nos comentários, brandidos de forma rasa a fim de respaldarem o ódio dos intolerantes. A lista que elaborei identificando os preconceitos e violências proferidas, indica o quanto o racismo religioso se cruza com vários tipos de violências físicas e simbólicas.

Para alguém desse meio - o evangélico - e que esteve por muitos anos vinculado a uma denominação que não dialoga com outras religiões, é muito fácil reconhecer o discurso evangélico intolerante e racista religioso, depois de longos anos de relativização da própria experiência religiosa. Sabemos que nem todas as igrejas evangélicas têm tradição no diálogo inter-religioso, mas empreender esse diálogo é uma das formas de se superar o evangelicalismo intolerante. É no diálogo com outras religiões, a fim de conhecê-las, que é possível conviver com as mesmas e dividir o espaço público e privado, sem pretensões hegemônicas.

O conteúdo dos comentários registrados por *prints* é eminentemente evangélico, fundamentalista e intolerante e faz parte da mentalidade desse segmento religioso, haja vista o vocabulário cirúrgico ao condenar mãe Stella. Não há espaço para desejar pêsames aos seus parentes e amigos ou ter empatia por ela, há apenas espaço para se deleitar com a morte de uma “feiticeira”, de uma “macumbeira”. Ressalto que estou falando sobre um tipo específico de evangelicalismo brasileiro: o intolerante, o racista e o fundamentalista⁶, sendo que esse último termo congrega os outros dois em minha análise.

É importante também atentarmos para as reações dos *emojis*: reações de riso, de aprovação, de identificação com aquelas palavras, mas também de reprovação dos comentários. Isso nos indica que não há unanimidade entre as pessoas que visualizaram

⁶ Aqui o conceito fundamentalismo serve para indicar a parte do segmento evangélico que tem valores autoritários, antidemocráticos e que são intolerantes e racistas com a diversidade religiosa. Corroboramos com os trabalhos de Neves (2020) e Deus (2019), que identificam como fundamentalistas os evangélicos que estão, de diversas formas, à frente dos ataques às RMAs. Traços característicos desse segmento é a necessidade de dominar os espaços públicos, a fim de irradiar suas ideias reacionárias e oprimir minorias sociais, e outrossim, como coloca Armstrong (2009), o fundamentalismo é uma devoção militante, uma espiritualidade combativa, que pode se expressar em violência, seja essa violência simbólica, física, ou ambas.

o conteúdo simbolicamente violento e racista. Também o versículo mais usado, que fala sobre feiticeiros, pode ser destacado e reflete o lugar que essas pessoas possuem no imaginário brasileiro e cristão. Tanto nas pesquisas em história da saúde, quanto na literatura, vemos que o feiticeiro é um personagem recorrente e estigmatizado⁷. De pesquisas sobre história da saúde temos Pimenta et. al. (2018), Farias (2012) e na literatura, podemos citar o clássico *Macunaíma*, de Mário de Andrade (2016) e *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior (2019). Nessas obras a figura do feiticeiro ou do afrorreligioso aparece ora estigmatizado (Andrade, 2016), ora identificado socialmente como algo a ser temido, ora respeitado por seu conhecimento, mas sempre olhado com desconfiança e cautela.

Ainda na esteira dos comentários citados, vemos que a intolerância religiosa marca a sociedade brasileira por mais que o senso comum negue. O ódio racial e a intolerância religiosa se conjugam quando falamos de Religiões de Matrizes Africanas (RMAs) e daí nasce a categoria racismo religioso. O racismo religioso é o que faz com que uma mulher idosa, negra e de axé, após sua morte, seja chamada de feiticeira, bruxa e macumbeira, tendo sua existência vilipendiada, virtualmente, de várias formas. Assim, a partir de Carneiro (2020), é possível afirmar que o ideal do brasileiro enquanto povo cordial é um ideal falso, mas é um ideal com uma força ideológica que serve para escamotear as nossas desigualdades e intolerâncias sociais. Essas desigualdades também se manifestam nos conflitos religiosos. Assim, esse ideal

[...] passa ao largo do longo período de ilegalidade de que padeceram as religiões de matriz africana e seus adeptos, vítimas constantes de perseguição policial que perdurou até o final da década de 50 do século passado. A despeito disso, a crença na tolerância religiosa e racial compõe elementos naturalizados de nossa tradição cultural. No entanto, essa concepção torna-se cada dia mais difícil de ser sustentada diante das práticas de certas denominações religiosas que revelam a face perversa e insidiosa da intolerância religiosa e racial na nossa sociedade (CARNEIRO, 2020, p. 234).

Logo, para a autora a intolerância religiosa e racial andam de mãos dadas. É importante apontar que o artigo no qual Carneiro (2020) escreveu essas palavras foi publicado originalmente em 2008. Ao longo da leitura do artigo *Racismo, religião e*

⁷ Aqui há uma distinção importante de se mencionar: falar em feitiçaria no contexto pós-proclamação da república, tendo em mente o Código Penal de 1890, por exemplo, não é o mesmo que falar em feitiçaria no contexto da “batalha espiritual” neopentecostal. Pontuo assim a variação histórica do termo feitiçaria, enfatizando as variações de sentidos nos diferentes contextos em que é utilizado.

*crime*⁸ vê-se um cenário que, mais de uma década depois, ainda permanece atual, com fortes evidências de um recrudescimento da violência contra as RMAs. Esse recrudescimento se relaciona, de forma geral, com o poder midiático, político e econômico, das chamadas igrejas eletrônicas, como aponta a autora (CARNEIRO, 2020).

Magia, religiões afro e o racismo religioso

Trarei aqui algumas impressões particulares a partir de minha pesquisa de mestrado acerca da temática. Em primeiro lugar, podemos pensar o lugar que a magia ocupa dentro do imaginário evangélico fundamentalista, a fim de entendermos o racismo religioso praticado por esse segmento. Para Mauss (2003) as fronteiras entre magia e religião são tênues: elas se dissolvem, se tocam e se mesclam a depender do contexto histórico. Muito próxima da feitiçaria e do malefício, a magia tem uma pecha social de ser uma prática proibida, condenada, mas ao mesmo tempo é reconhecida socialmente a sua existência e eficácia. Com base em Dias (2019) podemos falar em uma *eficácia negativa*, onde as pessoas se servem da eficácia mágica das religiões afro para seus objetivos, mas temem essa eficácia contra elas mesmas e assim constroem uma relação contraditória e até oportunista com essas religiões.

Para os católicos da Idade Média, sobretudo, a magia seria uma religião falsa, da mesma forma que as heresias (MAUSS, 2003, p. 67). Parto do pressuposto de que é precisamente esse segundo aspecto que é atacado pelos racistas religiosos, depois da própria herança cultural negro-africana. Em termos gerais, enquanto nicho religioso, nós evangélicos somos educados, desde a mais tenra infância, a enxergar os afroreligiosos como macumbeiros - no sentido pejorativo - e assim não os vemos como pessoas religiosas, assim como nós, mas como pessoas que praticam magia/feitiçaria⁹ e que trabalham incansavelmente para fazer o mal aos outros.

Os inúmeros relatos que ouvi ou presenciei entre evangélicos, de pessoas que afirmam terem sido alvo de um “trabalho” ou de uma “macumba”, indicam que o caráter mágico, nesse caso para o malefício, é o que permeia a visão que muitos evangélicos têm das religiões afro-brasileiras. Assim, para a maioria dos evangélicos, as religiões afro nem

⁸ Publicado originalmente na *Revista MPD Dialógico*, informativo do Ministério Público Democrático, ano V, n. 22, em dezembro de 2008.

⁹ O par magia/feitiçaria está sendo utilizado aqui como sinônimos, tendo em vista a noção de proximidade entre ambas quando as vemos sob a lógica evangélica intolerante. Explicito que a noção de feitiçaria tem uma trajetória histórica importante no Brasil, passando do senso comum às leis que embasavam as perseguições aos afroreligiosos ao longo do tempo.

são religiões (MONTERO, 2010, p. 260), mas magia, bruxaria, feitiçaria e se acrescente ‘magia negra’¹⁰. Por outro lado, como bem indicam Oro (2015, p. 37) e Mariano (2015, p. 131) há o reconhecimento da existência das entidades afro-brasileiras e da eficácia de suas ações, sendo essa existência e eficácia fundamentais na lógica de guerra espiritual dos neopentecostais.

Tomando suas experiências religiosas como pautadas numa verdade absoluta e universal, muitos evangélicos fundamentalistas reproduzem a visão teológica racista que nega o estatuto de religião às expressões espirituais de inspiração africana, pois elas seriam apenas magia, feitiçaria e estariam, dessa forma, no campo da falsidade, da heresia, da condenação ao inferno. Por mais que os evangélicos fundamentalistas reconheçam a existência de entidades e espíritos fora do panteão cristão, como vemos os hebreus interagindo com algumas da Antiguidade em várias passagens da Bíblia, a ressemantização negativa dessas entidades nos sugere uma visão etnocêntrica do mundo espiritual, por parte de alguns segmentos pentecostais e neo, pois tudo o que não for anjos ou a Trindade é necessariamente demônio e o Diabo. Ao mesmo tempo, isso aponta para a relação entre etnocentrismo e intolerância religiosa, pois quando os hebreus demonizavam outros deuses, também demonizavam as coletividades que os cultuavam¹¹.

Porém, magia por magia, temos ela também nas vertentes neopentecostais que praticam uma verdadeira religiofagia (ORO, 2015) dos rituais, conceitos, entidades e símbolos de religiões afro, como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e suas congêneres. Por mais que Oro (2015) esteja pensando a IURD para falar de religiofagia, a mesma não se reduz a essa denominação neopentecostal, podendo inclusive influenciar

¹⁰ Não somente para os evangélicos, mas para os cristãos em geral, com adendo do catolicismo. Mariano (2015) ao fazer um breve histórico da perseguição às RMAs escreve que: “[...] uma série de racionalizações religiosas de cunho cristão, de interesse institucional da Igreja Católica e há muito sedimentadas no imaginário social e na cultura brasileira, fundamentava concepções e juízos de valor para alicerçar e justificar as acusações de curandeirismo e de magia negra contra um sem número de adeptos e líderes desses cultos. Ambas as acusações retomavam velhos argumentos e o velho ranço da ortodoxia cristã contra tudo aquilo que classificava de feitiçaria, bruxaria e magia negra. O apelo a essa ortodoxia constituiu um poderoso mecanismo, de longuíssima tradição, que o cristianismo, tanto em sua vertente católica como protestante, pôs em funcionamento para demonizar, quando não suprimir, as crenças, as práticas e os agentes religiosos rivais” (p. 127).

¹¹ Isso também pode ser interpretado a partir da discussão que Araújo (2017) faz acerca da construção da alteridade ao falar de evangélicos e afroreligiosos: “Mais uma vez assistimos aos processos de construção da alteridade. Considerando então que a construção da alteridade, nesse caso, pressupõe a existência dos dois grupos em atrito, é possível afirmar que tal conflito, longe de constituir um risco de anulação total do outro, evangélicos e afro-religiosos terminam se apoiando um no outro para afirmar sua identidade, mesmo que isso se dê de forma conflituosa. [...] Essa necessidade mútua entre uns e outros chega ao ponto de alguns analistas perceberem e demonstrarem, de forma contundente, verdadeiras relações estruturais entre esses dois universos religiosos que, nas relações visíveis, parecem ser tão diferentes. [...] Portanto, a briga entre os agentes desses dois universos religiosos é mais uma etapa da complexa e tensa jornada na construção das identidades religiosas brasileiras (p. 171).

o pentecostalismo. Ou seja, se o neopentecostalismo derivou do pentecostalismo, é possível perceber um movimento de influência mútua, no qual este último se “neopentecostalizou”, como apontou Silva (2015, p. 194). Sobre isso, Castro (2018) nos diz o seguinte:

O neopentecostalismo ao manter os elementos dos cultos afro-brasileiros permite a aproximação de novos fiéis acostumados com a incorporação, ou atraem outros ávidos pela experiência de religiões com forte apelo à magia (GONÇALVES, 2011), com o diferencial de que sendo a magia administrada por uma ramificação do cristianismo demonstra-se legitimidade social por conta da questão hegemônica (CASTRO, 2018, p. 705).

Dessa forma, o processo de ‘cristianizar a magia’, deglutindo os símbolos e rituais afro, foi uma invenção neopentecostal, mas isso não impede que essa ‘magia cristã’ ganhe espaço no pentecostalismo. No geral, vê-se que magia e feitiçaria são sinônimos tanto no senso comum quanto nas palavras de Mauss (2003).

Em *Torto Arado* (2018), por exemplo, o pai de Belonísia e Bibiana é um pai de santo, do jarê, que num momento de tragédia se limitou a usar o seu conhecimento de ervas, num espaço público, com receio de ser lido como feiticeiro e com desdém (p. 18).

Em *Macunaíma* (2016) a descrição que Mário de Andrade faz da gira que ocorreu no terreiro de Tia Ciata é representativa da forma como o senso comum enxerga o que acontece dentro dos terreiros: são apenas ritos mágicos e se formos usar os termos de James Frazer (Mauss, 2003) são magias simpáticas, usadas para o bem e para o mal. Porém, no senso comum não há espaço para reconhecer a magia do terreiro em sua complexidade, apenas para condená-la quando não é utilizada para o “bem”. Cabe destacar que a descrição de Mário de Andrade (2016) é bem caricatural, podendo servir ao reforço de estigmas acerca das religiões afro.

A letra da música *Mandingo*, de autoria de Roque Ferreira, é cirúrgica em mostrar o complexo espiritual e cultural que circunda o feiticeiro, o mandingo ou o líder afrorreligioso, herdeiro direto tanto do conhecimento dos feiticeiros de outrora, quanto dos estigmas sobre os mesmos. Alguns versos dessa música, cantada por Roberta Sá¹², podem ser apresentados para ilustrar o que quero dizer:

*“Devagar com esse nêgo mandingo
Ele sabe apanhar a folha*

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TTE0Tst6dRE>. Acesso em: 08/08/2023.

*Sabe mexer na erva
Sabe rezar a reza
Sabe curimar
Quando bate vem cabôco e orixá
Quando dança tudo que é erê vem dançar
Nó de amor que ele faz ninguém desata
Ele é dono do tempo, do vento
Do mar e da mata
Ói que esse nêgo malê
Foi rei no Senegal
Vem de lá o seu poder
Para o bem e para o mal
No pescoço um talismã
Na cintura um tecebá
Seu remédio é curador
Seu veneno é de matar...”*
(ROBERTA SÁ E TRIO MADEIRA BRASIL. Mandingo. Álbum: Quando o canto é reza. Som Livre, 2010).

Vemos na letra da música que a eficácia do conhecimento espiritual do mandingo ou do feiticeiro se mostra na manipulação de ervas, rezas, na invocação de entidades e nos trabalhos mágicos. A letra também indica que esse mesmo personagem pode ter uma relação com o catolicismo, quando cita o rosário, chamado de tecebá. Esses exemplos da música e da literatura bastam para apontar o quanto a magia e a feitiçaria estão presentes no senso comum, nesse caso vistas como magia negra ou como macumba. Quando isso acontece reduz-se todo um arcabouço cultural e espiritual ao seu caráter mágico, sobretudo à magia maléfica (SILVA, 2015b, p. 11). Eis aí o racismo religioso.

É inegável que o conhecimento espiritual das populações negras continua sendo demonizado, em grande parte por não se entender a complexidade e profundidade desse conhecimento. Ser identificado como “praticante de magia” é ser passível de perder a humanidade, a dignidade enquanto pessoa, se tornar alvo das mais vis ações que violam o corpo e a mente dos afroreligiosos, como ocorreu com Mãe Stella. Dessa forma, ao enfatizar apenas o caráter mágico das RMAs o racismo religioso atinge diretamente a imagem pública e a legitimidade social das mesmas (SILVA, 2015b, p. 19), rebaixando-as ontologicamente, tomando-as como sendo menos que religião.

Parte dessa complexidade civilizacional negra se mostra no fato de que as culturas negro-africanas não veem de forma dicotômica o mundo natural e sobrenatural, visto que os elementos sobrenaturais podem agir contra ou a favor da saúde das pessoas, por exemplo. É o que narram PIMENTA et. al. (2018), fazendo o recorte do Brasil do século XIX:

Estudos apontaram a existência de gramáticas culturais comuns em várias regiões africanas – da África Central, por exemplo – nas quais as doenças e enfermidades eram associadas aos desequilíbrios e infortúnios causados pela ação de espíritos e/ou pessoas por feitiçaria (Slenes, 1991-2). Essa perspectiva de análise tem contribuído para o desenvolvimento de investigações sobre as práticas de cura e os significados das enfermidades – associadas ao sobrenatural – no período colonial por meio de documentação eclesiástica da Inquisição, no caso de processos do Santo Ofício. Cativos – especialmente africanos – acusados de realizar práticas terapêuticas sem autorização eram identificados como feiticeiros. As crenças de que feiticeiros ou espíritos causavam doenças, no entanto, era compartilhada não só por escravos e africanos, mas também por outros setores sociais da população colonial (Nogueira, 2013; Grossi, 2005; Sá Junior, 2008; Ribeiro, 1997) (PIMENTA et. al., 2018, p. 84).

Vê-se que a percepção de que infortúnios e doenças podem ser causados por forças espirituais não é recente. Porém, por mais que a ênfase, no contexto do século XIX, fosse no malefício por que não supor que os mesmos feiticeiros e espíritos pudessem agir a favor da saúde das pessoas? É estranho enfatizar apenas o lado do malefício num contexto social onde até hoje as artes afroreligiosas de cura são vistas como maléficas, quando há exemplos, na própria historiografia da saúde no Brasil, de que os feiticeiros usavam seus conhecimentos para o benefício alheio. Logo, devemos entender que ao conhecimento afroreligioso também cabe o papel da cura e de restauração da saúde, como podemos constatar nesse tipo de serviço oferecido pelos inúmeros terreiros do país afora.

Sobre racismo religioso e teologia

Face aos elementos apresentados, infere-se que o evangelicalismo brasileiro além de intolerante é também racista e ele demonstra bem isso ao praticar cotidianamente o seu racismo religioso contra o povo de axé. Quando falo em racismo religioso, por exemplo, falo de ataques que podem ser interpretados, no geral, de duas formas: a) quando o(a) afroreligioso(a) é branco(a) ele(a) é atacado(a) pela bagagem étnico-cultural afro-indígena que carrega consigo e que se manifesta em sua religiosidade; b) quando o(a) afroreligioso(a) é uma pessoa racializada¹³ negativamente, o ataque contra sua

¹³ Uma pessoa racializada negativamente é uma pessoa que o seu fenótipo chega à sociedade antes mesmo dela abrir a boca ou fazer algum gesto. É a pessoa que é interpretada socialmente como não-branca, portanto, fora do padrão racial desejável, que não se identifica como raça, inclusive, já que é a medida de todas as coisas. No Brasil, as pessoas não-brancas são identificadas, sobretudo, mediante uma pele marcada pela melanina e por traços fenotípicos negroides, indígenas, amarelos ou um misto deles. Além disso, a forma como o racismo religioso atinge brancos afroreligiosos e não-brancos foi discutida por RODRIGUES; NYACK (2023), a partir do conceito de corpo macumbeiro.

religiosidade é motivado também pelo fenótipo daquela pessoa. Essa percepção pode ser reforçada pela discussão que Silvio Almeida faz em torno do conceito de raça ao longo da história moderna e contemporânea no seu livro *O que é racismo estrutural?* (2018). Ao tratar do conceito de raça ele afirma que o mesmo pode ter dois registros básicos que se cruzam e se complementam. Escreve ele:

1. *como característica biológica*, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele;
2. *como característica étnico-cultural*, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, “a uma certa forma de existir”. À configuração de processos discriminatórios a partir do registro étnico-cultural Frantz Fanon denomina *racismo cultural*” (ALMEIDA, 2018, p. 24).

Assim, o racismo religioso, que também pode ser chamado de racismo cultural¹⁴, é antes de tudo o ataque às culturas afro-indígenas que se manifestam na religiosidade dos terreiros. Como Araújo (2017) bem pontuou, ao se atacar o terreiro se ataca a memória, e eu diria memória cultural, de um determinado povo ou cultura que ali se encontra.

Dessa forma, é importante ressaltar que no senso comum dos evangélicos não há, de forma consciente, uma diferenciação racial dos afroreligiosos, pois o que prevalece é simplesmente o ódio à religiosidade e cultura afro-indígenas. Não importa, num primeiro momento, quais corpos são agredidos, o importante é o ataque ser desferido contra a religião que esses corpos, brancos ou não-brancos, praticam. Porém, é óbvio que o componente racista não se justifica somente no ataque a uma religiosidade afro-indígena, pois os corpos racializados negativamente também são levados em conta nesses ataques (RODRIGUES; NYACK, 2023).

A partir disso, para constatar o racismo do evangelicalismo brasileiro comento o que o sociólogo Ricardo Mariano defende no seu artigo *Pentecostais em ação: a demonização dos cultos afro-brasileiros* (2015). Nesse artigo, o autor aponta quais seriam as causas e justificativas dos ataques neopentecostais aos afroreligiosos. Ele defende que esses ataques têm motivações de caráter teológico, religioso e doutrinário e não necessariamente sociais ou raciais. Porém, como já é sabido, o caráter étnico-racial

¹⁴ Ou como colocou Prandi (2003, apud, Oro, 2015), as RMAs carregam: “o peso do preconceito racial que se transfere do negro para a cultura negra” (p. 65) e nesse caso, para a religiosidade negra.

perpassa esses ataques, logo, Mariano (2015) não constatou todas suas causas e justificativas.

Uma forma mais apropriada de enxergar essa questão é perceber a relação entre teologia e racismo, pois ambos não estão separados quando falamos em racismo religioso. Silva (2015), por exemplo, afirma que a depreciação que as igrejas neopentecostais fazem das RMAs “faz parte, em diferentes graus, do sistema teológico e doutrinário do pentecostalismo desde seu surgimento no Brasil no início do século XX” (p. 192). Nada impede, portanto, que esse sistema teológico se vincule ao racismo, já que essa relação, geralmente, não é reconhecida explicitamente.

Aqui eu faço uma digressão para tratar dessa visão de Mariano (2015). Ele faz um breve histórico das perseguições ao Candomblé e à Umbanda, especificando quem eram os agentes dessa perseguição e fala das mudanças que ocorreram no campo religioso brasileiro. Entre essas mudanças destaca-se como os evangélicos entraram como novos agentes de perseguição aos afroreligiosos, ao mesmo tempo em que construíam sua legitimidade social, política, econômica e midiática. Só que, diferente dos outros e anteriores agentes de perseguição ligados ao catolicismo, Mariano (2015) aponta que os evangélicos, que ele chama de novos contendores,

[...] não contam mais com o auxílio policial, nem com a conivência de autoridades judiciais e políticas, nem com o imenso poder que a Igreja Católica detinha até meados do século XX, nem menos justificam ou fundamentam suas críticas, acusações e, em casos raros e extremos, até agressões em discursos racistas. As motivações por trás dessas ocorrências são eminentemente religiosas. Seus responsáveis são grupos pentecostais (MARIANO apud SILVA, 2015, p. 128).

Como apontado no início do artigo o ideal de que o povo brasileiro é tolerante e cordial é falso, sendo apenas um recurso ideológico que reforça as desigualdades sociais. Dito isso, o que nos faz pensar que os evangélicos irão gritar aos quatro ventos o seu racismo religioso em forma de um discurso abertamente racista? Nada, nada nos permite pensar assim, pois o que não é dito não nos prova que não está ali no discurso, nesse caso, no discurso teológico, doutrinário.

A partir disso, é preciso entender que a teologia também pode ser racista, intolerante e colonizadora. Isso deveria ser óbvio, mas para muitos não é. Prova disso nos dá James Cone (2020) ao fazer as suas considerações acerca da Teologia Negra e também

André Muniz Puri (2021) ao nos falar da necessidade de uma teologia indígena¹⁵. Teologia não é um empreendimento neutro, mas contextual, pois precisa partir de algum chão, como aponta Cone (2020) e nesse sentido Puri (2021) escreve que:

Todo teólogo ou teóloga precisa, no seu exercício teológico, entender que “não somos pessoas isoladas no mundo, nem a igreja como instituição existe à parte das demais organizações e grupos que formam a sociedade” (FERNANDES, 2019, p. 209). Os contextos sociais, históricos e culturais em que cada cristão vive influenciam grandemente sua hermenêutica e religiosidade, ou seja, a forma como lê a Bíblia e se relaciona com Deus. Logo, é natural que diferentes contextos gerem diferentes concepções teológicas (PURI, 2021, p. 10).

Silva (2015a) também corrobora para esse sentido teológico que o racismo religioso tem, porém ele trata a questão como intolerância religiosa e não como racismo religioso. No seu *Entre a gira de fé e Jesus de Nazaré* ele afirma que:

A visão depreciativa das igrejas neopentecostais sobre as religiões afro-brasileiras, que nos últimos tempos tem gerado ataques de vários tipos - numa espécie de “batalha espiritual” do bem contra o mal (sendo este representado pelos demônios que se travestem preferencialmente de divindades do panteão afro-brasileiro para causar malefícios) -, faz parte, em diferentes graus, do sistema teológico e doutrinário do pentecostalismo desde o seu surgimento no Brasil no início do século XX” (SILVA, 2015a, pp. 191-192).

Logo, com base em Mariano (2015) e Silva (2015a) é possível perceber que eles entendem a problemática dos ataques e discriminação às RMAs como sendo algo de caráter mais teológico ou doutrinário em si, do que qualquer outra coisa, como racismo, por exemplo. Afirmando novamente o papel do racismo religioso nisso tudo e concordo com esses autores na medida em que uma doutrina ou teologia intolerante e racista gera evangélicos racistas e intolerantes. Nesse sentido, se espiritualizarmos o problema do racismo no meio evangélico, como faz Pacheco (2019):

¹⁵ “Visto que possuem [povos indígenas] uma história, cultura e organização social completamente diferente dos demais brasileiros, as compreensões teológicas e religiosas desses grupos também serão diferenciadas. Contudo, suas teologias foram historicamente rejeitadas pelo sujeito dominante, alegando que “já havia uma forma de Teologia suficiente para todos os povos. Tratava-se da Teologia euroamericana [...]” (FERNANDES, 2019, p. 127) que, mesmo tendo nascido de contextos específicos, foi pregada como uma Teologia Universal. Essa Teologia, enquanto pensamento dogmático dos invasores europeus, foi utilizada para validar e justificar a colonização, a invasão de terras, o genocídio e o etnocídio (assassinato da cultura)” (PURI, 2021, p. 11).

Oração e jejum se fazem necessários para enfrentar a casta demoníaca que é, diante de nós, o racismo. Por isto, o arrependimento desta herança colonial-escravocrata é importante. Porque, num país que foi colônia, expropriado, explorado e território para uso de corpos de gente escravizada, a gente não tem o direito de achar que as sutilezas dessa herança não estariam por aí, na nossa estrutura social. E se estão na nossa estrutura social, não tem porque achar que elas não estão também na nossa vida eclesial, na nossa construção de Igreja e, principalmente, nas nossas teologias (PACHECO, 2019, p. 17-18).

Percebe-se que parte considerável do problema está na teologia intolerante e racista que orienta muitos evangélicos no Brasil. Portanto, assim como Baba Sidnei Nogueira apontou no episódio do podcast *O Hebreu*, falando sobre Racismo Religioso¹⁶, é preciso que os evangélicos façam uma nova reforma, pois a Reforma de Lutero foi insuficiente. É preciso uma Reforma brasileira para que o racismo seja expurgado das igrejas.

Reflexões importantes, nesse sentido, no traz Py (2019) ao comentar sobre um terreiro que foi atacado e invadido por traficantes que se identificaram como evangélicos¹⁷ e que chegaram a pintar no muro do referido terreiro a seguinte frase: “Jesus é o dono do lugar”. Em seu artigo *Não basta pedir desculpas deve-se desarmar o cristianismo por dentro* Py (2019) nos coloca o seguinte:

Sobre tal violência, gostaria de destacar pontualmente as inscrições no muro do terreiro com a citação em alusão a Jesus, indicando uma territorialização cristã do local. Quero deixar claro que não gostaria de discutir se os traficantes são ou não cristãos, evangélicos. Minha preocupação é, antes, perguntar que cristianismo é esse recebido por eles, que leva adeptos ou simpatizantes a praticarem tamanha brutalidade ao expulsarem e destruírem os templos de pessoas que professam outra religião. É dessa teologia [teologia da prosperidade] que vem a ideia da territorialização cristã, tragicamente exemplificada com a inscrição do nome de Jesus no terreiro de candomblé destruído. Um símbolo da tomada de posse de um espaço sagrado. Essa violência é mais uma luta por higienização via discurso religioso operado nas áreas das favelas (PY, 2019).

Tanto Py (2019), quanto Oro (2015) e Araújo (2017) apontam a influência do fundamentalismo estadunidense no fundamentalismo brasileiro, que aqui aportou e fez morada, criando extensas raízes e definindo as bases da mentalidade pentecostal e

¹⁶Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0VKreJo72mQYLuZ6pDsSg8>. Acesso em: 27/12/2021.

¹⁷ Os ataques às RMAs executados por traficantes evangélicos estão sendo chamados atualmente de terrorismo religioso. Acerca disso vide Rodrigues (2021).

neopentecostal¹⁸. O fundamentalismo reaparece na cena dessas questões, mas Py (2019) ressalta o caráter belicoso do mesmo, o que vai na direção do que Armstrong (2009) coloca: o fundamentalismo é uma devoção militante, uma espiritualidade combativa. Se precisar fazer guerra e matar em nome de Deus ele assim fará e é exatamente isso que vemos se concretizar no cotidiano de inúmeros terreiros pelo país.

A partir do relato de Gênesis capítulo 1, versículo 1, Py (2019) desmonta o fundamentalismo cego que prega uma verdade absoluta a partir da Bíblia. Ele indica que os exercícios hermenêuticos devem ser feitos a partir dos escritos originais bíblicos e não das inúmeras traduções contemporâneas que são e foram financiadas por fundamentalistas pentecostais e neopentecostais. Py (2019) finaliza seus argumentos afirmando que esses exercícios

Podem ajudar na construção de uma agenda de diálogo entre as religiões, na luta por desarmar o cristianismo brasileiro, cada dia mais bélico, mais racista com as tradições religiosas vindas da África. Digo isso, enquanto teólogo porque acho muito pouco pedir desculpas aos povos de terreiro pelos ataques feitos em nome de Jesus. [...] Por isso reafirmo: não basta pedir desculpas. Deve-se construir uma série de exercícios teológicos com traduções e as tradições da história da igreja, que poderiam ajudar no desarme do cristianismo brasileiro tão acostumado à depredação dos demais. [...] assumo que o protestantismo-evangélico brasileiro merece ser revisto não só ‘por fora’, mas, principalmente, ‘por dentro’ mediante uma severa revisão de desarme de suas lideranças e das doses imperialistas que impregnam ativamente seus templos (PY, 2019).

Logo, a partir da visão dos originais é possível então desmontar as pretensões racistas, imperialistas e intolerantes do evangelicalismo que nós vemos hoje, de forma geral, no Brasil. Mas para isso acontecer é preciso sacudir e revirar a teologia que orienta a prática dos evangélicos, suas doutrinas e a forma como se relacionam com as RMAs. É preciso autocrítica.

Silva (2015b) e Oro (2015), por exemplo, sugerem o quanto o preconceito racial ou de cor subjaz nos discursos de ataques contra as RMAs e esse preconceito está presente nas teologias evangélicas, pois:

¹⁸ Ronaldo de Almeida (2017) também corrobora isso quando escreve: “No Brasil, os sentidos para os quais o termo [fundamentalismo] remete têm como referência, em boa medida, o temor do terrorismo islâmico e a preocupação com o moralismo do protestantismo norte-americano, que é o berço teológico e eclesial dos evangélicos brasileiros” (p. 4).

Na lógica fundamentalista cristã é preciso que o negro seja convertido, cristianizado, embranquecido, para poder ser aceito. Ou seja, o negro não pode ser negro, a não ser que seja um negro “gospel”; só se for devoto de Maria ou se acreditar na Santíssima Trindade. Aí sim ele poderá ser negro, quando estiver mais perto da branquitude e longe de suas raízes, pois nessa lógica o negro não pode cultuar Iemanjá, Oxalá, Xangô, Oxum, Ogun ou qualquer outro orixá, vodum ou inquice (RODRIGUES, 2020a, p. 101).

Vê-se que essa teologia historicamente racista atinge sobretudo a espiritualidade negra. E esse preconceito racial não para por aí, afinal, essas religiões também são lançadas no campo da selvageria e da barbárie (RODRIGUES, 2020a, p. 68). O exemplo que Silva (2015b) traz ao refutar a suposta prática de sacrifícios humanos nessas religiões indica o quanto as mesmas são vistas sob o nome de ‘magia negra’, sobretudo para enfatizar, mais uma vez, os malefícios que pessoas de terreiro podem executar a partir de seu conhecimento mágico (p. 13)¹⁹. Nesse sentido, Oro (2015) coloca que:

[...] vale recordar que as religiões mediúnicas – o espiritismo, a umbanda e sobretudo o candomblé – foram durante muito tempo vítimas de preconceitos, perseguições e ataques, muitas vezes desencadeados pelas autoridades policiais com a anuência da Igreja Católica, em razão de um discurso racista e etnocentrista construído sobre elas (ORO, 2015, 48).

Assim sendo, se a igreja cristã reforça e reproduz um discurso racista sobre outras religiões isso se constitui em racismo religioso. Portanto, é preciso repensar a teologia cristã como Cone (2020), Pacheco (2019) e Py (2019) fazem e nos convidam à crítica das estruturas coloniais que ainda estão presentes no seio da igreja evangélica brasileira.

Conclusão

De forma geral, pode-se dizer que o cristianismo é baseado numa missão evangelizadora a partir da consagrada fórmula dita por Jesus: “*Vão pelo mundo todo, proclamem o evangelho a toda criatura...*” (BAZAGLIA, 2014: Marcos 16. 15). Por isso o cristianismo tem um caráter essencialmente proselitista. Isso mostra a explícita missão

¹⁹ Algo a se levar em consideração nisso é o que Oro (2015) aponta acerca da diferença de concepções de bem e mal entre os cristãos e os afroreligiosos, o que implica em éticas religiosas particulares. A partir do exemplo da IURD ele explicita que: “Enquanto a IURD, apesar dos seus rituais “mágicos” de exorcismo, concebe o mal de forma transcendental e propõe um papel ético para a religião – o da guerra contra o mal (demônio) -, as religiões afro-brasileiras não concebem o demônio, ou alguma outra fonte única de mal, transcendente e absoluta, que se deva combater. Nelas o mal em geral é concebido como tendo origem nos seres humanos, sendo os espíritos meros instrumentos usados por eles” (p. 53).

dos cristãos em levarem a sua luz, a sua crença, o seu Deus para todos e todas. Infelizmente, nessa missão evangelizadora muitos cristãos, com destaque para os evangélicos fundamentalistas, não aprenderam ainda a reconhecer como legítimas outras formas de cultuar Deus, afinal, são monoteístas e nessa lógica religiosa fica difícil reconhecer a humanidade de quem não cultua o mesmo Deus que eles. Destarte, os fundamentalistas negam a humanidade dos adeptos de RMAs, afinal, “eles cultuam demônios”, como se diz no senso comum racista religioso.

Mesmo em tempos autoritários nos quais as desigualdades e violências, de toda sorte, grassam pelo país afora, é possível imaginar uma outra forma de ser evangélico no Brasil. Os evangélicos que vão na contramão²⁰ da intolerância e racismo religioso existem, mesmo não sendo a maioria esmagadora. Na verdade, essa contramão já está posta a ponto de se expressar numa dicotomia, muito forte atualmente, entre evangélicos progressistas e fundamentalistas. Porém, para além das ideologias políticas esses dois lados evidenciam a diversidade do evangelicalismo brasileiro e que ele não está mais sob o julgo de uma única forma de ser evangélico (ARAÚJO, 2022). É preciso entender que além de um evangelicalismo fundamentalista, há um que é tolerante, antirracista e que dialoga com as demais religiões.

Por fim, tendo como marco as eleições presidenciais de 2018, é possível afirmar que o meio evangélico no Brasil nunca mais será o mesmo. Depois de sair da Assembleia de Deus e ao transitar por várias denominações evangélicas entre 2018 e 2022, percebi que, mais do que nunca, as igrejas evangélicas passaram a assumir posicionamentos político-sociais de forma explícita, seja para defender direitos humanos ou para negá-los. Essas eleições representaram um ponto de ruptura para muitos evangélicos, como os progressistas, com o evangelicalismo hegemônico (ARAÚJO, 2022). Dessa forma, é preciso lembrar daquela publicação que foi analisada no início desse artigo, sobre a morte de mãe Stella, e escolher que tipo de Evangelho queremos praticar e propagar.

²⁰ Silva (2015b) ao citar exemplos de reações das RMAs escreve que as mesmas buscam se agregar aos movimentos ecumênicos, pois assim, “os cultos afro-brasileiros podem, inclusive, encontrar a solidariedade de igrejas evangélicas que discordam e condenam os ataques realizados pelas denominações neopentecostais mais intolerantes” (p. 23).

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é Racismo Estrutural?* Coleção Feminismo Plurais. Coordenação: Djamilia Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 1 ed., Barueri: Ciranda Cultural, 2016.

ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ARAÚJO, Matheus Alexandre de. *Tornando-se um evangélico progressista: trajetória e valores políticos*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza, 2022.

ARAÚJO, Patrício Carneiro. *Entre Ataques e Atabaques: intolerância religiosa e racismo nas escolas*. São Paulo: Arché Editora, 2017.

_____. *Segredos do Poder: hierarquia e autoridade no Candomblé*. São Paulo: Arché Editora, 2018.

BAZAGLIA, Paulo (org.). *Nova Bíblia Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2014.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de Uma Vida*. São Paulo: editora Jandaíra, 2020.

CONE, James H. *Teologia Negra*. São Paulo: Recriar, 2020.

DEUS, Lucas Obalera de. *Por uma perspectiva afrorreligiosa: estratégias de enfrentamento ao racismo religioso*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2019.

DIAS, João Ferreira. “Chuta que é macumba”: o percurso histórico-legal da perseguição às religiões afro-brasileiras”. *Sankofa – Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*. Ano XII, N° XXII, maio/ 2019.

FARIAS, Rosilene. “Pai Manoel, o curandeiro africano, e a medicina no Pernambuco imperial”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. V.19, supl., p.133-152, 2012.

JUNIOR, Itamar Vieira. *Torto Arado*. 1 ed., São Paulo: Todavia, 2019.

MARIANO, Ricardo. “Pentecostais em ação: a demonização dos cultos afro-brasileiros”. In: SILVA, Vagner Gonçalves da. (org). *Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

MAUSS, Marcel. “Esboço de uma teoria geral da magia”. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: CosacNaify, 2003.

MONTERO, Paula. “Talal Asad: para uma crítica da teoria do símbolo na antropologia religiosa de Clifford Geertz”. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 19, p. 259-261, 2010.

NEVES, Ciani Sueli das. “O golpe de 2016 e o fundamentalismo religioso: ferramentas de continuidade e expansão do projeto de poder racista do Estado e da sociedade brasileiros”. In: CRUZ, Fatima M. Leite; LEWIS, Liana (orgs.). *2016: o ano que não acabou*. Recife: UFPE, 2020.

ORO, Ari Pedro. “Intolerância religiosa iurdiana e reações afro no Rio Grande do Sul”. In: SILVA, Vagner Gonçalves da. *Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2015.

PACHECO, Ronilso. *Profetismo: Utopia e Insurgência*. São Paulo: Recriar, 2019.

PIMENTA, Tânia; GOMES, Flávio; KODAMA, Kaori. “Das enfermidades cativas: para uma história da saúde e das doenças do Brasil escravista”. In: TEIXEIRA, Luiz Antonio et al. (orgs.) *História da Saúde no Brasil*. São Paulo: HUCITEC Editora, 2018.

PURI, André Muniz. *Teologia Anticolonial: caminhos do cristianismo indígena*. Campinas: Editora Saber Criativo, 2021.

RODRIGUES, Ozaias da Silva. *A força dos que Resistem e a Sanha dos que Atacam: casos de racismo religioso e intolerância contra candomblecistas em Fortaleza e região metropolitana*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará/Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Fortaleza, CE, 2020a.

_____. Repensando os ataques às religiões afro: uma breve discussão sobre o conceito de racismo religioso no Candomblé. *Revista Tempo Amazônico*, v. 8, n. 1, jul-dez, p. 29-46, 2020b.

_____. 2021. O Candomblé sob a mira do racismo e do terrorismo religiosos: categorias e identidades reinventadas. *Revista Docência e Cibercultura*, v. 5, n. 2, maio-agosto, p. 51-72, 2021.

RODRIGUES, Ozaias da Silva e NYACK, Zwanga. “As múltiplas faces do racismo religioso: reflexões sobre o impacto desse fenômeno em corpos macumbeiros”. In: MIRANDA, Ana Paula Mendes de; OLIVEIRA, Ilzver de Matos; LIMA, Lana Lage da Gama (orgs.). *As tramas da intolerância e do racismo*. Rio de Janeiro: Telha, 2023.

SILVA, Vagner Gonçalves da. “Entre a gira de fé e Jesus de Nazaré: relações socioestruturais entre Neopentecostalismo e Religiões Afro-Brasileiras”. In: SILVA, Vagner Gonçalves da. (org). *Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015a.

_____. “Prefácio ou notícias de uma guerra nada particular: os ataques neopentecostais às religiões afro-brasileiras e aos símbolos da herança africana no Brasil”. In: SILVA, Vagner Gonçalves da. (org). *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015b.

Sítios virtuais

O Hebreu, podcast. *Episódio 21: Racismo Religioso*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0VKreJo72mQYLuZ6pDsSg8>. Acesso em: 27/12/2021.

RESILIÊNCIA HUMANA. *Bruno Gagliasso posta foto com pai de santo e internautas demonstram intolerância religiosa*. 08/10/2021. https://www.resilienciamag.com/bruno-gagliasso-posta-foto-com-pai-de-santo-e-internautas-demonstram-intolerancia-religiosa/?fbclid=IwAR3hvwaPT7qeMYSOKTmQNHsxRrFK2pO10_RyPQiWjNspIcwHFW_Z6wiiAU. Acesso em: 23/12/2021.

PY, Fábio. *Não basta pedir desculpas deve-se desarmar o cristianismo por dentro*. 05/04/2019. <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588130-nao-basta-pedir-desculpas-deve-se-desarmar-o-cristianismo-por-dentro>. Acesso em: 27/12/2021.

Recebido em: 20/09/2023

Aceito em: 15/10/2023